GUARDADO. UM OLHAR REVELADOR SOBRE UM OBJETO RESGATADO

Luiz Cláudio Ferreira Campos
Mestre em Artes Visuais / PPGAV / EBA / UFBA

RESUMO:

Este artigo aborda a concepção e o processo de criação da obra "Guardado", estabelecendo diálogos entre o tempo, o espaço, a matéria e a memória a partir de reflexões sobre um móvel resgatado dos sonhos e da vida real e trazido ao universo imaginário de artista. Trata-se de um *ready made* que aborda questões inerentes à percepção, não como captação dos aspectos estruturais, mas uma nova percepção associada ao sentir, como uma forma de interpretação dos fenômenos.

Palavras-chave: móvel, memória, espaço, *ready made*, percepção.

ABSTRACT:

The purpose of this article is to discuss about the conception and creative process of "Guardado", and link to the concepts and actions of time, space, material and memory. The trigger for this practice was an old piece of furniture rescued from my dreams and my life, and that was brought to my artist imaginary's world. It's a ready-made that brings into focus some intrinsic questions to the perception as feelings, and as a new way of interpreting a phenomenon.

Key-words: furniture, memory, space, ready-made, perception.

Introdução

Este texto discute o processo de construção e elaboração da obra "Guardado", que integrou minha exposição de conclusão do Mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia, intitulada "REMEMORÁVEIS". Este objeto foi escolhido para estas reflexões entre os outros dessa mostra, pois faz parte da memória e imaginário de artista, além de abrigar uma série de recordações da infância. Esta obra aguçou a curiosidade e despertou o interesse do interpretante que visitou a mostra, instigando-o a desvendar os mistérios e segredos nela contidos. Assim, esta obra estabelece uma via de fluxo entre dois territórios: o passado e o presente.

Durante o percurso acadêmico vivenciei situações de aprofundamento no aprendizado, reflexão e diálogos com a matéria e a obra. Trabalho com a matéria não com idolatria, mas com a consciência de que tenho que manter verdadeira relação de intimidade para resultar em um produto estético final que me leve à completude, plenitude e êxtase. Falo de passado como eterno presente. Apresento minha experiência ao fruidor para que ele a vivencie e dela se aproprie. Convido-o para um diálogo interpessoal, uma troca entre sentimentos, conhecimentos e sensações.

O móvel, o objeto descartado e o fazer artístico

O relato teve um enfoque de pesquisa, caracterizando-se como método de Estudo de Caso. A observação e o fazer foram as chaves para o entendimento do objeto. Através do móvel reconduzido ao uso e re-significado dentro das Artes Visuais, trago aqui a discussão sobre a reconsideração do objeto descartado, esquecido para alguns, mas de grande valor para outros. Artistas do movimento dadaísta se posicionavam pela libertação do objeto tradicional para o caminho da forma pura. Alguns valorizavam o objeto em relação ao homem, revelando seu próprio encanto e falando por si mesmo. De acordo com o pensamento de Duchamp, a obra de arte deve apresentar algo que está implícito em seu conteúdo, constituindo-se, assim, um silencioso discurso.

> O que era objeto descartado, aos olhos dos artistas dada foi transformado em *ready made*, passando à categoria de obra de arte e recebendo todo triunfo. (...) chegando dessa forma à independização do objeto, estudado por André Breton (...) (CIRLOT, 1990 apud RAMOS, 2005, p. 72). O simbolismo e a poesia se associam para dar nova vida ao que não mais existia.

Considero significativo entender que a palavra *móvel* vem da palavra francesa *meubles*, uma reminiscência da Idade Média, que na sua mais completa tradução quer dizer algo transponível, mutável (OATES, 1991:38). Desde essa época, evoluiu com o tempo nos mais variados estilos e designs até o momento atual, passando de mero aparato cerimonial a elemento decorativo e/ou peça utilitária.

Os móveis, segundo Carlos Eduardo da Rocha (1977, p. 10), podem ser classificados em duas categorias, segundo sua destinação: os móveis de guardar (cofres e seus derivados: baús, arcas, malas, armários, estantes, cômodas,

aparadores, credencias) e móveis de repouso (móveis de assento e seus derivados: bancos, cadeiras, sofás, camas, etc.). O cofre com a caixa assentada diretamente sobre o solo é o móvel primitivo, isto é, nascido de todas as necessidades mais rudimentares do homem, aquelas de guardar, de preservar, de proteger das intempéries e de defender os bens humanos (da Rocha, 1977, p. 11).

Diferente do conceito clássico de móveis decorativos artísticos – envolvidos numa atmosfera de beleza, gozo, emoção, estética, delicadeza, perfeição, equilíbrio e acabamento – vejo no mobiliário em geral um grande manancial de possibilidades de trabalho em arte contemporânea, destituindo-o da sua função habitual para transformá-lo em obra de arte. Alguns artistas, a exemplo de Farnese de Andrade (1926-1996) e Lúcio Carvalho (1965), já construíram suas obras utilizando, se apropriando ou transformando móveis dentro do conceito de obras de arte. A prática de *ready made* é comum nas Artes visuais desde Marcel Duchamp, pioneiro nesse tipo de ação.

No entanto, o que diferencia o trabalho que aqui apresento de outros tantos não é o fato apontado acima, mas o de provocar no interpretante a percepção de uma série de sentimentos a partir do olhar guardado, repleto de lembranças. Esse é um modo de ver provocado com base no sentimento de cada indivíduo que percebe e passa a senti-lo a partir das suas próprias vivências, fatos e recordações. Qualquer pessoa pode ter gravado na memória a imagem de um móvel que faz parte da história da família e lhe traz alguma recordação. O móvel pode, de algum modo, ter lhe despertado a atenção pela forma, tipo de material, ou mesmo pela idade. O objeto pode ser o mais simples, não ter nenhum significado para o outro e até mesmo não ter chamado a atenção de outra pessoa qualquer, mas para nós ele está repleto de recordações e significados, e são esses significados que faço o observador recordar e procurar na mais recôndita parte da sua memória. Em "Guardado" também utilizei do conceito e do ato de apropriação e deslocamento do objeto da sua função inicial para conferir-lhe um novo significado. Ao instaurar esta obra, crio possibilidades de diálogos plenos de textualidades que se re-significam pela própria Arte.

Desde a infância aos dias atuais, este móvel específico, de alguma maneira, esteve presente na minha vida. Faz-me retomar referências do período de criança, quando passava as férias de meio de ano no Rio de Janeiro e ficava hospedado em

Copacabana. O móvel foi estrategicamente colocado em uma das curvas do amplo apartamento – posso ainda vê-lo ao fechar os olhos. Lá estava ele me olhando, me observando, tentando mostrar-se na sua plenitude e majestade.

Se perguntarem a razão de este móvel ainda estar registrado na memória por vários anos, de imediato respondo que está relacionado ao estranhamento provocado pelo formato e pelo modo escanteado de posicionamento da peça. É um móvel posto num canto, uma forma pouco comum de apresentação e disposição de uma peça de mobiliário. Canto é esquina, aresta. No sentido figurado, estar a um canto ou ser posto a/de canto significa ser afastado, dispensado, considerado como inútil, desprezado. Mas canto também significa local de aconchego, funcionando como um nicho. Bachelard (2008 [1957], p.145-146) define o canto de uma casa como

> todo ângulo de um quarto, todo espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, de recolhermo-nos em nós mesmos.
> [...]
> O canto é um refugio que nos assegura um primeiro valor do ser: a imobilidade.
> [...]
> O canto é uma espécie de meia caixa, metade paredes metade porta.

Portanto, canto é um infinito de possibilidade para diálogos dicotômicos entre interior e exterior, ser e não ser, aberto e fechado. Busquei organizar um conceito que flui entre a metafísica e a dialética. Na metafísica, a pesquisa e conhecimento das realidades transcendentes; na dialética, a copulação dos opostos.

Convivi com o móvel durante toda a adolescência e fase adulta. Herdado o objeto, este foi levado para a fazenda de meus pais e, durante os últimos dez anos, esteve exposto ao tempo, passando a agregar valores da natureza até o seu total desmantelamento. Há dois anos, em um Natal em família, ao ver as "madeiras" daquilo que um dia pertenceu a esse móvel, voltei a estar tomado de um sentimento saudosista. Aqueles pedaços do móvel que ali jaziam ainda me contavam muitos segredos. Era um processo de vivenciar a identidade, como se estivesse procurando algo que preenchesse uma lacuna do passado, produzisse um encantamento, como se aquela peça pudesse completar algo no meu interior. Decidi recolher seus pedaços e trazê-los para o ateliê.

Após realizar toda montagem desse objeto, recuperação das partes faltantes e sua integral restauração, iniciou-se uma fase de questionamentos sobre o que poderia

ser feito para apresentar o armário como obra de arte. Alguns argumentos garimpados de leituras foram úteis para arrumar e ordenar o pensamento e deixar fluir este processo de criação. Em seu livro *A Poética do Espaço* (2008 [1957], p. 91-92), no capítulo III, Gaston Bachelard faz uma abordagem sobre a gaveta, os cofres e os armários; e aí encontrei a resposta para esse questionamento. O autor diz:

> O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses "objetos" e alguns outros igualmente valorizados, a nossa vida intima não teria um modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos. Tem, como nós, por nós e para nós, uma intimidade.
> [...]
> Num armário, só um pobre de espírito poderia guardar uma coisa qualquer. Guardar uma coisa qualquer, de qualquer maneira, em um móvel qualquer, indica uma enorme fraqueza da função de habitar. No armário vive um centro de ordem que protege toda a casa contra uma desordem sem limite. Nele reina a ordem, ou antes, nele a ordem é um reino.

Após essa reflexão filosófica, comecei a realizar a ação que denominei "transformação", pois o móvel perderia sua função original passando a se constituir uma obra de arte. Em toda a sua frente foram colocados vidros bisotados. Internamente, na parte superior e inferior, foram colocados espelhos. O fundo foi atapetado com veludo vermelho e, na porção central do espelho superior, pendia uma gota de cristal. (Figura 1).

Figura 1 – Guardado (75 x 80 x 70 cm) Madeira, vidro, tecido, luz. 2009

Um mergulho no infinito

Dentro de "Guardado", aprisionei o infinito – o mais infinito e o menos infinito (Figura 2). A gota se projeta em sentido positivo e negativo dentro do espaço sem fim,

estabelecendo relação com o tempo, que é interminável, que é do passado e do presente. Cada um é um desafio para o indiscreto, levando-o a usar do poder de vida para desvendar os elementos mantidos dentro do armário.

Figura 2 - Guardado (detalhe). Projeção da gota de cristal para o infinito. 2009

Iniciei tentando dialogar com o pensamento de Hilbert (1926, p. 236), que diz que "o infinito atormentou, desde sempre, a sensibilidade dos homens; mais do que qualquer outra idéia, a de infinito solicitou e fecundou a sua inteligência; mais do que nenhum, o conceito de infinito tem que ser elucidado". Reconheço o estranhamento provocado por algo que não tem fim, mas não concordo com a necessidade imperativa da elucidação desse conceito. Penso ser importante ter conhecimento sobre esse mistério, mas não a obrigação de desvendá-lo, pois dessa maneira estaria desfeito o encantamento.

O infinito tem sido objeto de estudo da matemática e da física por muitos anos. A matemática apoderou-se do conceito de infinito conferindo-lhe um sentido operativo e filosófico. As noções de muito, pouco, grande e pequeno estão de tal forma associadas à quantificação e, portanto, à matemática, que parecem ser as detentoras naturais do monopólio do infinito nas ciências exatas. Para a física, o infinito é apenas algo muito grande, ou muito rápido, ou muito pesado. Nesse sentido, o infinito físico pouco tem a ver com o infinito matemático, apesar da comparação de ordens de grandeza ser de natureza matemática.

Outras áreas do pensamento também têm tentado entrar nas discussões a respeito da idéia de infinito e, assim, fazem associações com o muito grande, com o muito longo, ou com o muito intenso. A descrição de sentimentos, razões ou saberes "infinitos" aproxima-se do mesmo tratamento dado a esse conceito pela física. Quando dizemos que sentimentos de dor ou prazer são incomparáveis, estamos falando de diferentes ordens de grandeza, o que significa que um deles pode ser tomado como infinito em relação ao outro. As idéias e a linguagem da física são mais adequadas do que as da matemática para descrever os infinitos acessíveis ao senso comum.

Em "Guardado", a reverberação da imagem da gota de cristal para o infinito é um desafio para o indiscreto, levando-o a usar do poder de vida para desvendar esse fenômeno. A peça hermeticamente fechada pratica um jogo no intuito de enganar o fruidor, mas esse logro é desfeito pelos vidros, permitindo ver através deles o conteúdo. Mesmo assim, o mistério não está, ainda, desvendado. Cada um percebe esse tempo e se posiciona neste espaço da sua maneira, no seu modo de pensar e de viver. Da forma que apresento esta obra, estimulo o interpretante a experimentar sensações variadas, penetrando através dos vidros na amplidão do mundo confinado no armário. Induzo a um mergulho na imensidão do espaço e do tempo.

O móvel-obra de arte

Numa tentativa de sacralizar o objeto instalado, desloquei-o tanto no que se refere à função primária do móvel utilitário, quanto ao modo como ele era disposto no espaço da casa. Para tanto, o móvel foi suspenso a cerca de 60 centímetros do chão e lhe foi adicionada luz interna dirigida à gota de cristal pendente em seu interior (Figura 3). Os espelhos dispostos na parte superior e inferior do interior da peça eram responsáveis pela multiplicação da gota cristalina – o sangue, o suor e a lágrima, produto do labor e da emoção vivenciados no nosso dia-a-dia. A frieza imposta pelo jogo de espelhos foi minimizada pela utilização de veludo vermelho, causando aconchego e proteção, além de conferir uma atmosfera nobre.

Figura 3 - Guardado (canto esquerdo). A obra no espaço expositivo. 2009

Esta obra só aconteceu no momento do seu contato com o espaço, com a luz e com a presença do interpretante, que, para entendê-la, necessitou empregar de forma diferenciada o olhar. Para perceber foi necessário sentir – sentir como sentido (visão) e sentir como sentimento, sensação. Um jogo ilusório e instigante que envolvia o interpretante, o espaço e a obra.

O espaço mostrou que não é neutro, que dependia do estado, do ponto de vista, da vivência e do posicionamento do observador. A obra mostrou todas as possibilidades de entendimento, dependendo do nível de sensibilização e compreensão de cada indivíduo. O interpretante posicionava-se em relação à obra ora como testemunha, ora como agente de iteração, ora como voyeur. O tempo, elemento de debate, reflexão e de exposição, mostrou-se contemporâneo.

Considerações finais

Ao fechar o ciclo desse estudo de caso prático-teórico percebe-se o alcance dos objetivos desta proposta, que são principalmente o resgate do objeto esquecido e a transformação do móvel em objeto de arte. Essa temática do reencontro com o objeto perdido aborda a comunhão com a identidade, com a retomada do passado e a vivência do presente como ferramentas de estudo em Artes Visuais.

Finalizo esse texto com as reflexões da Professora Doutora Graça Ramos, no seu texto *Reencontrando o objeto perdido. Uma poética do olhar*, publicado em *Cultura visual e desafios da pesquisa em artes:*

> A arte de nossos dias está povoada de peças insólitas, que podem causar no público espanto, mas ao mesmo tempo, desperta uma certa avidez por serem tocadas ou admiradas. Do mundo industrial, do lixo ou do acaso, reencontrar o objeto perdido é como materializar uma ilusão interior, onde o tempo perdido é refeito pelo prazer da poética do olhar.

Este móvel apresenta um segredo que não está guardado a sete chaves, não está perdido num tempo de memória e diz o que não quer dizer. É uma superfície histórica que será contada a partir de todos os tempos, onde a memória de cada um pensa alcançar. "Guardado" rompe o percurso do tempo, revela segredos e, ainda que pendurado na parede, caminha em nossa direção, discutindo nossa fragilidade protegida por paredes de vidro, projetadas para o além, para o infinito.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DA ROCHA, CE. **O Mobiliário Antigo na Bahia**. 3ª Ed. Editora Itapuã: Salvador, BA, 1977.

HILBERT, David. **Sobre o infinito**. *Mathematische Annalen*, vol. XCV. In HILBERT, David (2003 [1898-99]). *Fundamentos da geometria*. Lisboa: Gradiva. p. 234-255, 1926.

OATES, Phyllis B. **História do Mobiliário Ocidental**. Tradução Mário B. Nogueira. 1ª Ed. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

RAMOS, Graça. **Reencontro com o objeto perdido. Uma poética do olhar**. In Cultura Visual e desafios da pesquisa em artes. Organizadores: Alice Fátima Martins, Luiz Edegar Costa, Rosana Honório Monteiro. Goiânia: ANPAP, 2005. 2v.

Luiz Cláudio Ferreira Campos.

Especialista em Arte Contemporânea (UNC/CENAPPE) e Mestre em Artes Visuais (PPGAV/UFBA). Integrante do Grupo MAMETO (CNPq). Prêmio na 8ª Bienal do Recôncavo (2006), Salões Regionais da FUNCEB (2006) e menção honrosa na 9ª Bienal do Recôncavo (2008). Obras selecionadas para exposições coletivas na Caixa Cultural Salvador (2007), Centro Cultural Correios Salvador (2008) e individual no MAS / UFBA (2009).